

A maior tiragem de todos os semanarios portuguese

Ano III—Numero 117

Preço avulso 1 Escudo

12 Paginas

O DOMINGO

SEMANARIO

R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

ilustrado

AGENTES EM

TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEXTOS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



9 DE ABRIL — GLORIA PORTUGUESA!

A Bandeira de Portugal no celebre desfile da Paz

O glorioso contingente português na Grande Guerra, passando no Arco do Triunfo em Paris, no inolvidavel desfile da Paz. Comemoramos nesta data — 9 de Abril — a mais recente epopeia guerreira da nossa Raça.

Cliché Garces

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

chronica da semana

BOA VIAGEM!

MISS Portugal já vai a caminho da America. Instalada comodamente a bordo dum grande transatlantico, a formosa representante da beleza lusitana vai encontrar-se no Havre com as suas gentis compatriotas: «misses» França, Italia e Espanha. Fica assim completa a representação da beleza latina ao concurso de Galveston.

O primeiro encontro das quatro formosuras não deve ser, por minha fé, inteiramente cordial. E' natural que cada uma delas olhe para as outras com uma pontinha de emulação, a que não saberá dignamente subtrair-se um espirito feminino.

E esta pergunta há-de torturá-las durante a travessia:

—Sobre qual das quatro cabeças o juri de Galveston colocará a coroa de rainha?

Tratando-se dum juri anglo-saxão, é possível que nenhuma das belezas latinas, por mais perfeitas que sejam as suas formas e por mais correctas que sejam as suas feições, consiga o titulo honorifico de Rainha.

A republica norte-americana, que tem a preocupação monarchica dos reis—ainda que sejam só do aço ou do petroleo—não se resignará a perder a oportunidade de ter dentro das suas fronteiras uma rainha. Eu profetizo desde já que a eleita das eleitas será uma gentil americana de nariz arrebitado e de sorriso doce, uma alegre «miss» que no dia seguinte ao da eleição fechará contrato com um empresario para uma longa «tournee», donde regressará milionaria e noiva.

Todas as «misses» que foram a Galveston embarcarão de novo para a Europa, desiludidas com a sua propria beleza. E «miss» Portugal desembarcará no Cais de Santos, num belo dia de sol, com saudades da Amadora e das queijadas de Sintra.

Como se trata duma pessoa que não olha a vida apenas pelo lado sentimental, oxalá que desembarque com alguns «dollars» a mais, embora com alguns illusões a menos. E justificará assim o epíteto com que já começam a distingui-la, de «miss» Portugal—Presidente.

NORBERTO LOPES

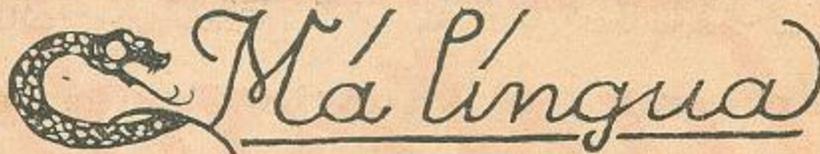
NO PROXIMO NUMERO
Lisboa amada
e triste

ARTIGO DE
F. DA SILVA PASSOS

EXAME



—Joãozinho, deis e deis quantos são?
—A mamã não sabe?
—Que idade, então não sri?
—Então para que é que me pergunta?...



SEMANA SANTA

A EGREJA

No edro sobranceiro á povoação,
—casas de pedra solta, hortas, a estrada,—
a Egrja é branca, porque foi caiada
e por ser cor de neve a devoção.

Mostra na torre quantas horas são,
e canta-as, canta-as numa voz cantada,
que espalha sobre a aldeia acotlhada
uma bronzea tremura de oração.

Quem dos caminhos olha para ella
e assim a vê tão linda, tão singela,
sente uma commoção calada e pura;

um' murmurio de reza silenciosa
irguez-se da alma á Força mysteriosa
que a poz, tão branca, sobre a aldeia escura.

A CRUZ

Sobre a porta caçada e incolar,
tem uma cruz de ferro, ferrugenta,
que balida do Sol ou da tormenta
alarga sempre os braços com amor.

Não sei por que milagre do Senhor
tão alto e tão direita se sustenta.
A chaya que lhe tóca é agua benta?
O que vemos ferrugem, será flor?

Ninguém sabe o destino de uma Cruz
feito de tanta dor e tanta luz
desde que em forja humilde se forjou;

nem a quanto descer deu lenitivo,
nem quanto amor viu morto ou redivivo,
nem quantas illusões crucificou...

Parada de Gonta—Abril-1927.

O ALTAR

Dentro, o altar, é de talha; trabalhada
com tal simplicidade e tal belleza
que o olhar vê nelle a mystica riqueza
da tribuna mais rica e mais doirada.

A toolha, muito fina, é arrendada
com larga e forte renda portogueza.
Nas flores de papel, a singeleza
tem sempre a Egrja toda perfumada.

A elle accede o olhar de toda a gente
numa grande humildade reverente
trçada de esperança e de agonía.

Elle é o degran de onde Deus scbe aos céus,
e de onde quantos olham para Deus
caidam talvez vê-O descer um dia.

O MUNDO

Descerá?... Voltendo olhos para o mundo,
mundo que Deus formou para nos dar,
creando as flores, a agua pura, o luar,
céu azul sem confins e mar sem fundo;

revendo de relance, num srgundo,
quanto tivemos para embeluzar,
e quanto conseguimos desvirtuar,
ebrios do mal, sem ver o Bem profundo;

sugillando a um exame de consciencia
a torva humanidade que em demencia
torna qualquer impulso visionario,

—quem sabe lá se Deus, voltendo á Terra,
e vendo o Erro adorado por quem erra,
quereria subir outro Calvario!

TAÇO



A minha ignorancia não me permite fazer aqui, como seria meu desejo, uma larga dissertação sobre os motivos, mais ou menos tradicionais e lendarios, da consagração do dia 1 de Abril á mentira. Sinto que perco um magnifico ensejo de despertar no leitor um intimo e profundo sentimento de admiração, levando-o a murmurar: «O que este homem sabe, é pasmoso!» Infelizmente para mim, porém, o leitor só poderá dizer para consigo, apiedado: «O que este homem não sabe, é mais pasmoso ainda!»

Da relação entre o primeiro de Abril e a pratica da mentira só sei que ella existe tolerada e adoptada por muita gente, que se quer dar ares de que mente só uma vez por ano, conservando nos trezentos e sessenta e quatro dias restantes o selo da verdade impresso sobre os labios austeros. Se estes são os intuitos da consagração do dia 1 de Abril á liberdade da mentira, então se pode dizer que não ha mentira maior do que esta de pretender convencer que durante todo o resto do ano só a verdade se diz.

Folgo, todavia, com esta tolerancia do 1 de Abril, porque embora eu minta como toda a gente que se presa de falar verdade não deixo de achar um certo encanto neste culto do carapetão. De resto, a mentira, sob o ponto de vista intellectual, vale mais que a verdade. Mentir é mais difficil, porque é uma função da

inteligencia criadora. Para dizer a verdade basta reproduzir, para dizer a mentira é preciso inventar. A arte mentirosa, a propria Natureza prega a sua péta muito frequentemente. Assim, a pintura mente nos relevos que simula, nos planos, nas proporções, porque toda ella não é mais do que um plano só e o seu relevo não excede a espessura duma camada de tinta. Na Natureza, o ar não é azul nem a agua do mar é verde, nem a luz do sol é branca. E' tudo mentira, sem embargo de ser muito mais agradável do que a verdade.

A mentira governa a nossa vida, porque nós mostramo-nos sempre diferentes daquilo que verdadeiramente somos. A modestia é uma forma encapotada da vaidade, é a vaidade posta em mentira. A mesma vaidade é a contra-facção da insignificancia, a sua apparencia mentirosa. A belleza é um a noção incerta e varavel e o que ontem foi a unica belleza verdadeira é hoje um monstro para que se não pode olhar sem repugnancia. E' a Venus de Milo, belleza classica de formas e aquella senhora modernissima, pintada a tóxo, a carmim e a negro, que eu ha pouco encontrei, tão estilizada de corpo que dir-se-ia ter sido passada a ferro e conservada em prensa, entre duas tábuas que lhe achataram os contornos, dando-lhe a elegancia cubista moderna em que a curva é uma heresia.

No fundo, todos nós gostamos da mentira e

ECOS

9 de Abril

A data cujo anniversario passa hoje deve ter sempre uma comemoração condigna. Representa alguma coisa na vida da Patria. Faz bem o Estado em obrigar os professores a dizerem aos seus alunos o que ella significa. A titulo de curiosidade registamos a noticia de que, em determinado liceu—onde aliás existe um illustre corpo docente—«a comemoração constará duma sessão e... dum baile que se prolongará pela noite fóra.»

Um baile—para celebrar a carnificina do La Lys ?!

1500 contos

Não se sabe quem deu os 1500 contos para acabar com a maternidade (on y soif qui mal y pense).

Sabe-se que foi uma dádiva de príncipe, rara, misteriosa. Ha a certeza de que não foi nenhum c'estes sordidos banqueiros que casam a beneficencia como um grande cravo na botoleira—para que todos a vejam viçosa e onipotente.

Poi uma alma generosa e simples para quem o dinheiro é afinal, alguma coisa de inferior, amassado de lama e oiro e que só é belo pelo que de belleza nós lhes pómos.

Rochette ou os quarenta milhões

Foi preso o grande «escrot» francês Rochette—por ter feito uma «escroquerie». Simplesmente verificou se que o processo não podia ir para a frente—porque o crime de Rochette é um crime comum—isto é toda a gente o faz.

Rochette arranjou um jornal e nele fez a propaganda de varias empresas, vendendo assim as suas acções mais caras. E' o que toda a gente que tem que vender alguma coisa, faz todos os dias.

E ninguém se lembra de prender por exemplo o fabricante das Pilulas Pink, dado o caso que ellas lhes não tirem a prisão de ventre.

a cultivamos com esmero e carinho. Todos os nossos dias são prime ros de Abril. No amor a mentira é mais saborosa que a verdade, porque importa o sofrimento da desillusão. Se a mentira não existisse não haveria jornais, nem politica, nem literatura, nem arte e a vida seria uma inconcebível maçad. Pois se ha até quem afirme que a Morte é uma mentira e que a gente continua a viver, depois de certidão de obito, por intermedio duma mesa de pé de galo!

Enfim, a unica verdade absoluta é a existencia da mentira. E só por ella a verdade existe.



DESCULPA



—Está ali o senhor Dr. Silva, o medico que cá custuma vir jogar das cartas com o senhor.
—Ora que massada... olha... diz-lhe que não o posso receber hoje... que estou doente...

SEMINÁRIO
de Instrução

HUMORISMO

Página Alegre por Xisto Junior

O fantasma e o Anuario Comercial

EU tinha, então, dezoito anos, um calo no dedo grande do pé esquerdo e um livro de versos em preparação. Além disto, que me lembre, tinha também por esta época um grande desejo de correr aventuras e foi por isso que, tendo-me saído a sorte grande numa cautela de três, me dei á fantasia de alugar um predio, que estava desabitado de corpos deste mundo, mas absolutamente povoado por almas do outro, segundo era voz corrente na rua onde morava o referido predio.

Nesse tempo, a sorte grande numa cautela do genero referido era uma nota de cem mil reis em tamanho natural. Alugado o predio pela volumosa importancia de quinze tostões por semestre, comprei uma lata de atum, uma garrafa de Colares, um tubo de comprimidos de bifos Bayer, três buracos de queijo Gruyère, um pão de pataco, que ao tempo custava um vintem, e um volume do Anuario Comercial, tudo guarnecido por um pacote de velas e uma duzia de caixas de fosforos. Pois, senhores, nesse tempo o dinheiro era tão forte que, apesar de todas as compras que fiz e que hoje me teriam arruinado, dos cem mil reis da sorte grande ainda me sobrou um conto e picos.

Pelas onze horas duma noite estrelada como um ovo, tomei posse da minha nova habitação enfeitada, que, afinal, era um modesto predio cinzento, de altura regular, nariz regular, rosto oval e vacinado, lá para os sitios da Boa Morte.

Instalei-me numa cadeira que vergou sob o meu peso, donde eu conclui que a cadeira era de verga. Abri o Anuario Comercial de que ia munido para entreter a minha solidão e comeci a lêr as moradas de Lisboa, leitura que é das mais edificantes e que eu ousou recomendar aos meus leitores que sofram de caimbras e flatulencia.

Já ia quasi no fim da letra «A», quando senti arrastar uma corrente. Eu já sabia que este truque de corrente é muito corrente entre os fantasmas, que manifestam uma predilecção especial por este genero de desporto. Só me admirei de que o fantasma andasse já a fazer das suas antes de ter soado a meia noite, mas com os meus mais

intimos botões desculpei-o da pressa, porque deve ser uma grande maçada para um fantasma isto de só se poder levantar do túmulo á hora em que os vivos se metem na cama, com excepção dos padeiros, que também se



levantam á meia noite, como as almas do outro mundo.

O relógio da torre, useiro e vezeiro nestas tarefas, batia desalmadamente a meia noite quando uma alma penada appareceu á porta da sala, onde eu me encontrava. Descancei o volume do Anuario sobre os joelhos e examinei-a detidamente. Era um fantasma vulgarissimo, sem originalidade nenhuma, envolvido no classico lençol de cama de casados e arrastando um pedaço de corrente de ferro com cerca de três metros. Cumprimentei-o e convidei-o.

—Tenha a bondade de entrar, sr. fantasma.

Ele avançou uns passos, sempre a arrastar a corrente, e perguntou-me com voz d'além-túmulo, que é muito parecida com a voz d'além-mar em Africa:

—Então você não tem medo de mim?

—Olhe, amigo fantasma, eu estou tão habituado a não ter nada que nem medo tenho. Faça favor de pôr ali a corrente ao cantinho e sente-se, tenha a bondade. Esse frete da corrente deve maçar, hein?

—Manda um bocado de peso—disse-me o fantasma, sentando-se num mócho, que nem por ser da cozinha deixou de piar—mas que quere? Faz parte da nossa indumentaria.

—Então o que o traz cá por este mundo?

O fantasma soltou um suspiro que me ia apagando a vela e decidiu-se a falar:

—Contos largos, meu amigo. Eu estiquei o pernil aqui ha coisa duns dez para onze anos. Fez diferença morrer nessa altura, em que estava para trespassar a minha loja de funileiro cá do sitio, porque eu morava nesta casa e era geralmente estimado, como os jornais disseram na necrologia. Em suma, morri e só lamento que o medico me tivesse tratado duma anasarca,

quando o que eu tinha era uma pneumonia dupla e tam dupla que estiquei dela.

«Mas morrer era o menos. O pior foi que deixei viuva, que mal me viu o caixão pela tampa, a pretexto de chorar, caiu logo nos braços do Matias, que a recebeu de braços abertos.

—E' natural a dôr...

—Ardor, cavalheiro, ardor é que era! Vim depois a saber pela minha vizinha Eustaquia, que já lá estava no outro mundo e que enquanto fóra viva sabia a vida de toda a vizinhança, que antes de eu ter a pneumonia já a minha mulher chorava nos braços do Matias, nas horas vagas. E agora lá estão os dois a viver de casa e puca-rinho de ferro esmaltado.

Procurei consola-lo. Ofereci-lhe mesmo atum da lata, que tinha aberto.

—Muito obrigado, cavalheiro—voiveu cortezmente o fantasma—mas o atum faz-me azia. Se fosse uma sardinha de escabeche, marchava.

—Mas o que anda o senhor por cá a fazer, afinal?

—Ando a vêr se os apanho, ao Matias e á perfida. Mas como não sei onde eles moram, appareço por aqui, a vêr se ela volta ao ninho. Se eu soubesse onde é que os podia apanhar!...

—O senhor parece-me um fantasma muito simpatico e eu estou disposto a prestar-lhe um serviço. Como é que se chama o seu rival?

—Mateus Matias.

Puz-me a folhear o Anuario. Encontrei:

—Mateus Matias... Cá está... Rua do Caracol do Rato, 659, 1.º esquerdo. Não tem que errar: é seguir sempre a linha do electrico e em caso de duvida pergunte ao policia.

—Obrigado, meu amigo. O senhor salvou-me a morte! Quanto lhe devo...

—Não deve nada, mas como favor



com favor se paga, o meu caro fantasma vai passar-me um atestado em como apparece aqui todas as noites. E' que a casa convem-me e se o senhorio sabe que o fantasma se mudou aumentame a renda.

Dito e feito. O fantasma passou-me o atestado numa ponta do lençol e nunca mais appareceu. O predio continuou a cusstar-me quinze tostões por semestre e o senhorio, quando mor-

reu, deixou-me em testamento, em recompensa da minha coragem.

Como o fantasma se esqueceu da corrente ao canto da sala, eu, aproveitando o ensejo da casa ter corrente, mandei instalar electricidade em todos os andares.

XISTO JUNIOR



DESPERTANDO... (versos dos quinze anos)—por Maria Amelia Teixeira.

São, de facto, versos dos quinze anos. Não acho inutil affirmá-lo, com uma certeza firmada no conhecimento intimo da linda alma de mocinha onde esses versos floriram, assim mesmo ingenuos e primaveris, como «primaveras» onde poisasse o beijo humido dum orvalho matutino, dum orvalho parecido com lagrimas, a acarar de prantos...

Maria Amelia Teixeira escreveu, aos quinze anos, os versos que publica agora, um ano depois de os ter composto. Se tanto repiso esta affirmacão não é, porém, para chamar indulgencia sobre esses versos, bem melhores e muito mais sentidos do que tantos outros subscritos por bem menos juvenis autoras; é apenas para se poder avaliar como é legitima e fundamentada a minha convicção de que a poetisa do «Despertando...» chegará a voar tão alto como as aguias reais de mais regia magestade... As grandes estrelas do nosso firmamento poetico talvez não guardem, como recordações dos seus quinze anos, algumas poesias tão verdadeiramente «poetas», dum lirismo tão expo. taneo, dum pensamento tão original, duma forma tão pouco descuidada. Os verdadeiros poetas que se sentirem dispostos a criticar com severidade qualquer passo mais infantil desta sua recém-nascida irmã procurem, antes de falar, as suas poesias dos quinze anos... Depois deixem falar a consciencia. Isto bastará á juvenil poetisa e a todos os que a admiram.

Porven ura surpreenderá um pouco o encontrarem-se versos tocados de profundo desalento entre esses que foram balbucidos ao despertar para uma vida aparentemente quasi invejavel, mas em cuja intimidade mais recondita não seria difficil, com certeza, encontrar p'ena justificacão desse lirismo plangente.

Perante uma estreita literari, como a de Maria Amelia Teixeira não é habilidade ser profeta; não cairei no ridiculo de afirmar solenemente o que qualquer leitor pode adivinhar: o proximo aparecimento de mais uma estrela radiosa na constelação feminina dos nossos grandes astros poeticos, na constelação onde—no dizer recente dum critico—brilha a unica e a ultima esperanca literaria duma apagada serie de gerações...

Para que se não veja optimismo excessivo nesta pouco temerária profecia, vou transcrever do livro «Despertando...» um soneto onde os meus olhos, só dirigidos pelo Acaso, acabam de pousar:

LAGRIMAS

Lagrimas... versos doces dum poema,
do poema secreto duma vida...
O orvalho duma lagrima sentida
rega de esperanca a dor que nos algema...

Nuvem que todo o horizonte extrema,
tambem por sobre a selva enrubescida,
a Dor sorri, ás vezes, condôda,
desfeita em chuva, lagrima suprema...

E' bem certo: qualquer lagrima triste
dilui a dôr—, se alguma dor existe
que, antes do elvido, ainda se adormite...

Lagrimas são a neve da existencia...
Caindo em gotas de infiltrada essencia,
acordam alvoradas, lentamente...

Tereza LEITÃO de BARROS

RECORDAÇÃO



—Lembras-te daquelle famoso jantar das Sonzas a que assistiu méla dazia de parvos?
—Se lembro! Eu tambem lá estava...

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

Curiosidades

A INDÚSTRIA DAS BONECAS

Nuremberg, na Baviera, e Paris eram até agora os maiores centros da indústria de fabricação de bonecas. Nêstes últimos anos, começou florescendo, porem, um outro grande centro da mesma indústria: é Branted, uma aldeia inglesa do condado de Sussex, na qual se estabeleceram duas jovens artistas, que criaram novos modelos de bonecas. Em breve tiveram como colaboradoras ou imitadoras a maior parte das mulheres da aldeia, começando a sair milhares de bonecas dos *ateliers* de Branted, hoje já célebres. As bonecas de Branted estão, actualmente, na grande moda, em Inglaterra.

«DEUS O ABENÇÕE»

Já aqui fizemos referência ás origens do velho costume de se exclamar «Deus o abençõe», quando uma pessoa espirra. Atribuímos isso á noção da gravidade que podem ter as constipações.

Digamos agora como surgiu a noção dessa gravidade. No ano 390 da nossa era, appareceu no céu um brilhante cometa cuja cauda, formada de gazes particularmente tóxicos, atravessou a atmosfera terrestre. A presença dêsses gazes determinou uma estranha epidemia caracterizada por violentos espirros, que causou numerosas mortes por perturbação das vias respiratórias. Assim, cada vez que uma pessoa espirrava deduzia-se que esta fôra intoxicada e que a morte se lhe seguiria infalivelmente. As tesmunchas do facto apressavam-se então a formular o piedoso voto: «Que Deus vos abençõe!» O cometa abandonou o céu, mas a expressão ficou.

O PRIMEIRO «RESTAURANT»

Foi só no meio do século XVIII que se começou a dar o nome de «restaurants» aos lugares onde se come. Nessa época, um tal Boulanger instalou na rua «des Poulies» um estabelecimento onde se servia sopa e vários pratos, em mezas de mármore. O estabelecimento teve logo uma grande voga entre a juventude dessa época, as elegantes, mulheres do grande mundo e gastronomos notáveis. Boulanger tivera a idéa de escrever na sua taboleta esta impressionante frase: «*Venham todos, todos cujos estomagos desejam trabalhar. Eu vos restaurarei!* [restaurerai]». A frase obteve pleno successo e a casa teve uma clientela cada vez mais sólida. Chamaram-lhe primeiro «restaurant», e depois *restaurant*.

PERFUMARIA FLOR DE LIZ

LIMITADA

83, R. NOVA DO ALMADA, 83—LISBOA

TELEF. C. 3895

O maior e mais variado sortido aos melhores preços. Manucre (execução perfeita).

O VOSSO RETRATO

Procurai sempre um bom fotografo. A Foto America melhor do que qualquer outra vos pode servir. R. Registo Civil, 6-1.º e 6-A, loja. Telefone 3029 Norte.

O nove de Abril de há nove anos

Foi derrota? Foi victoria? A gente quer lá saber! Foi sangue português que correu em torrentes, nessa madrugada cinzenta de 1918, o ano da graça eterna, o ano do triunfo francês, o ano que dentro do seu século ficará, para todo o sempre, cantando a Marselheza... O dia nove de Abril de 1918 foi a sexta-feira de paixão da nossa pátria crucificada, por um dever de lealdade, sobre a hecatombe da Grande Guerra... Sexta-feira de paixão que há nove anos espera o alvorecer do seu sábado de Aleluia!... Será hoje? Será este sábado, o primeiro aniversário da batalha de Armentières, que decorre em pleno apogeu do nosso prestígio militar, o grande sábado de Aleluia e de resgate, a hora da recompensa por tão duros sacrificios, a hora em que as almas dos «serranos» portugueses que beijaram, ao cair, o sol da Flandres, possam murmurar umas ás outras: «*Valeu a pena... valeu a pena!*...»?

A última ofensiva alemã, no front occidental, começara em 21 de Março de 1918, primeiro dia duma primavera que foi o inverno de tantas radiosas mocidades. Essa ofensiva prolongou-se, numa série de batalhas e avanços, até ao dia 18 de Julho, quando começou a contra-offensiva dos aliados.

O ataque alemão de 21 de Março foi contra Amiens. Pouco depois dêle, o general Ludendorff deliberou fazer outro, contra Calais e Boulogne, escolhendo para isso o dia 9 de Abril.

A segunda divisão portuguesa estava nêsse dia guardando a frente por onde os alemães eram forçados a passar, para chegarem ás duas referidas cidades. Ludendorff começou a abrir caminho, entre as nossas fileiras, a tiros de artilharia, pelas 4 horas e meia da madrugada; ás 8 horas avançava a infantaria, ás 10 horas e meia caíam em poder dos alemães algumas das nossas baterias de campanha, e ás 11 horas e meia, o inimigo vencera...

Contra uma divisão portuguesa, bateram-se oito divisões alemãs. Os números são, aqui, duma eloquência trágica.

Comandava a divisão portuguesa o General Gomes da Costa que, no seu livro intitulado «*A Batalha do Lys*», narra detalhadamente qual foi a heroica acção das suas tropas.

O corpo de exercito português cobria um terreno pantanoso, quasi numa cova, com a retirada muito dificultada por uma ribeira, afluente de outra, a de La Lys. No inverno, os nossos soldados enchem-se de lama até aos joelhos; no verão, soferam um calor horrível. Nessa perigosa situação estratégica, os portugueses tinham ido substituir as valorosas tropas indianas. Só por si, este facto prova que o nosso prestígio militar não era uma palavra vã, para os altos comandos aliados.

O ataque alemão feito na planície de La Lys, entre Armentières e La Bassée, encontrou pela frente, nessa trágica madrugada de Abril, as tropas portuguesas, incorporadas no XI Corpo Britânico, o qual fazia parte do 1.º Exercito inglês, que sob o comando do general Horne era um dos cinco exercitos, divididos em 80 divisões, que a Inglaterra mandara para o continente, sob as ordens superiores do marechal Sir Douglas Haig. Em 9 de Abril, só estavam na frente portuguesa os regimentos de infantaria 9, 12, 14, 15, da 1.ª divisão, a 2.ª bateria de morteiros médios (o resto da divisão começava a retirar da frente que occupava há um ano, sem qualquer repouso), e a 4.ª, 5.ª e 6.ª brigadas da 2.ª Divisão, defendendo 12 quilometros de frente. A 2.ª Divisão portuguesa perdeu, entre mortos, feridos e prisioneiros, 7.500 homens, dos quais 327 officiaes. Mais uma vez a eloquência dos numeros dispensa comentários. Fugir era quasi facil. E, por isso, morrer foi quasi vencer!

Na sua obra «*Recordações da Guerra*», o marechal Ludendorff mostra não ter ficado satisfeito com o pequeno avanço que as suas tropas conseguiram, depois do massacre de 9 de Abril. Isto prova que a derrota dos portugueses foi, dadas as condições de grande superioridade numérica dos alemães, uma fraca vitória para o inimigo. De resto, o valor das nossas tropas foi por todos, e logo, reconhecido.

Depois da Guerra, depois da Vitória, regressaram a Portugal 7 mil homens quasi inutilizados, 450 mutilados e 23 cegos; o número das nossas viúvas de guerra está calculado em 400, e o número de orfãos em 600. «*Nove de Abril*» é mais uma data simbolo do que a única grande data da nossa acção na guerra, visto que não foi apenas nêsse dia que os portugueses morreram ás centenas, em terras de França. Mas como nêsse dia nove de Abril os nossos soldados se mostraram como sempre, *leais, bons e intrépidos*, no dizer de Sir Douglas Haig, o grande marechal inglês, deixemos que sobre essa data trágica se perpetue a memória gloriosa da nossa intervenção na pavorosa conflagração europeia.

O GÊLO ARTIFICIAL

A primeira máquina de fabricar gelo artificial appareceu na Exposição universal de Londres, em 1862.

Hoje, nas máquinas de gelo empregadas pela indústria, o frio é produzido pela expansão dum gaz ou dum vapor saturado. Os principais aparelhos do género são os de Edmond ou de Ferdinand Carré, de Grifford, de Vincent, de Pictet, etc. Estes aparelhos utilizam, respectivamente, os seguintes principios: o de arrefecimento produzido pela vaporização da água numa atmosfera rarefeita; o da propriedade que possui uma solução amoniacal concentrada de produzir um frio muito intenso, quando, depois de vaporizada, se condensa de novo; o do frio produzido pela brusca expansão do ar previamente comprimido; o do clorureto de metilo, sob a pressão atmosférica, entrar em ebulição a menos de 24 graus; finalmente, com o aparelho Pictet faz-se uso de gaz sulfuroso ou anidrido sulfuroso, liquido, que se deixa evaporar lentamente. O gelo ordinário, para fins comerciais, obtem-se congelando a agua contida em grandes recipientes de estanho que se mergulham completamente num reservatório contendo uma solução dum liquido incongelável e arrefecido a uma baixíssima temperatura. O gelo empregado no consumo directo deve ser feito com agua esterilizada.

VANTAGENS DO PEDESTRIANISMO

A marcha é talvez o mais higiênico dos exercicios físicos. Activa o mecanismo da respiração e permite a absorção da quantidade de oxigénio necessária ás combustões orgánicas. Provoca contracções uteis e facilita a eliminação, ao passo que aumenta a força dos músculos. Calcula-se que será preciso uma hora da manhã e uma hora e meia á noite, num passo bastante ágil, para conhecer completamente os efeitos higiênicos dêsse exercicio. A maior velocidade de marcha pode atingir 9 quilómetros á hora. Mas só num passo excessivo, que apenas as pessoas treinadas podem suportar. É mais normal e é o sufficiente andar com o passo de 6 quilómetros á hora.



Singer

Ultimos

Inventos

MAQUINAS ELECTRICAS PARA COSTURA, MOTORES ELECTRICOS DE FACIL APLICAÇÃO A TODAS AS MAQUINAS

EM LISBOA:

59, Praça dos Restauradores, 61 e em todas as filiais e agentes.

PASCOA

Grande sortido de objectos para brindes e joias com brilhantes SÓ vende BARATO a ourivesaria

CORREIA & MOURA

RUA DE S. PAULO, 186

Perfumaria Ideal

Productos de beleza dos melhores especialistas. Perfumes a péso.

CABELEIREIRO DE SENHORAS E CRIANÇAS

113, RUA DOS RETROZEIROS, 113

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

O DOMINGO
Ilustrado

TEATROS

CARTAS DE UM COMEDIANTE

Invitation à la Valse...

O APÊLO SOVIETICO AO "CAMARADA" CHARLOT

Charlot, ao que parece, ainda não tem licença de filmar.

Está como que interdito. Mistress Charlie Chaplin não se resigna facilmente á perda de um bom quinhão dos milhões de dollars que representam a fortuna do marido. E é bem possível que algum advogado atilado lhe houvesse sugerido a ideia do divórcio, para entrar na posse da apetecível soma.

Em favor de Charlot move-se pela Europa uma onda humana ansiosa da sua libertação, solicitações que se vão quebrar ante a inflexibilidade dos juizes e a argúcia dos «solicitors» de Norte-America.

Em França realizou-se ha dias um festival de homenagem a Charlot, assistido por artistas e homens de letras.

Foi assin do por todos os presentes uma calorosa mensagem, reclamando para o interprete do genio da «Quimera do Ouro» e do «Peregrino» a liberdade de filmar.

Quem sabe se a estas horas Charlot não trocaria de bom grado a celebridade e a riqueza pela penuria e pelo anonimato dos bons tempos em que errava pelos «music-halls» londrinos, a tiintar nas algibeiras uns magros «shillings»!...

Mas aos franceses «cederam os russos. Acabam de lhe dirigir um apêlo tremelicante, de enternecer, para ir residir em Moscovo... Querem preparar-lhe um «home» confortavel, livre das peias das leis americanas... Foram os cineastas sovieticos que tiveram a desinteressada ideia. O que eles receberiam em recompensa é que não dizem... Charlot iria filmar para a Russia.

Artisticamente, Charlie Chaplin só teria a ganhar: Tinha ensejo de copiar ao vivo um novo ser humano ainda mais miseravel, ainda mais tragicamente ridiculo do que o que êle immortalizou na Tela.

CARLOS ABREU

ESTÁ NEURASTENICO?

DISTRAIA-SE COMPRANDO

«O DOMINGO ILUSTRADO»

Apolo Olimpia

Companhia Almeida Cruz. Teatro musicado onde figura a grande voz e o talento dramático do seu director. Repertorio de gosto popular e de valor. Teatro tradicional e querido da população lisboeta. Comodidade, conforto, modicidade de preços e um espectáculo alegre e artistico.

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um dos industriais mais categorizados. Filmes de primeira escolha. As grandes produções europeias e americanas. Ultimamente grandes transformações na sala e dependencias, de forma a torna-la preferida do publico.

Hoje e sempre: «A Mouraria».

Chiado Terrasse

O cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrasse» agora arranjado de novo. O paço dos cinemas lisboetas. Otimos filmes, sempre variados e para todos os paladares do publico. As grandes produções de aventuras. Preços em concorrência. Amplicissima e elegante sala.



A peça de Coelho Neto, ora representada, no Trindade, sugeriu á critica, judiciosos e certissimos comentarios. O valor da peça, já afirmado, não interessa o autor deste artigo. O que pretendemos focar é a interpretação maravilhosa de Leopoldo Frois. Mais uma vez insisto no paralelo, tão grato a Taine, para destacar o trabalho daquele artista, digno de ser fixado, e tomado sem desdouro, como exemplo digno de nota e de lembrança. Leopoldo Frois *creou* especificamente uma figura, que não é a projecção forçada da sua personalidade, mas o tipo ideal desenhado pelo actor — em palavras que não são a realidade. Comediante de raça, ele não podia verificar apenas determinados aspectos, os mais evidentes e os mais caracteristicos do papel. Caia na caricatura ou no lugar comum de muitos dos nossos comediantes, que em vez de tirarem uma fotografia a cada figura, decalcam uma qualquer, repetindo-a e banalizando-a. Frois desencarnou-se. Estudou um homem, o *caboclo*, em todas as variantes da existencia. Não esqueceu o ambiente do sertão, selvagem, ardente, languido, nem tampouco, a sua evolução natural, através do meio citadino, que lhe é improprio e antagonico. Exteriormente detalhou

a composição—macara, indumentaria, gesto, atitude, andar, voz. Tudo corresponde, tudo se integra num todo completo, que se destaca com a clareza evidente dum simbolo. Não é um *caboclo*, são todos eles. E' a especie condensando-se num unico ser, com a força e a expressão duma raça, duma camada. Isto que já é muito, para os artistas portugueses que procuram o pitoresco acentuando-lhe a caricatura, não serviu á inteligencia e á inspiração de Frois. Havia que ir mais longe, como ele foi Começa então o trabalho interior: assimilação da personagem, detalhe animico igualando o fisico; indução psicologica através de mil variantes, marcadas com uma sobriedade exemplar; reacções duma luta tremenda, que ora se iriza de tragedia dolorosa ora de comico alvar e rotundo. O *caboclo* sofre—mas para os outros ele rie. E' o eterno paradoxo do palhaço, sem garatuja funambulescas. E' a vida vivida, arrastada pela verdade, condenada ao fracasso; sonho a sonho mutilada e vencida. Da voz Leopoldo Frois, fez um registo magnifico, sem requintes segregados em sentimentalismos piegas, nem fugas de pulmão robusto. Para quê, o grito? o delirio? o vôo declamatorio. E' na serenidade, na frieza, isto é, na logica glacial duma alma que se despedaça, que Leopoldo Frois encontra, calor, fogo, incendio que não precisa erguer-se para queimar, corroendo e destruindo.

Aplaudi o artista brasileiro. E' dos raros a quem compete a palavra—*comediante*, como nos antigos tempos. Triunfou com a verdade. Outros inspiram-se na mentira, esquecendo-se que ela é tão fragil como brilhante. Se os ajuda uma noite não os ampara toda a vida. Pode durar uma existencia, mas não passa ás portas da posteridade. Quando lá chega já estão fechadas...

De Leopoldo Frois se pode dizer que fixando e vivendo magistralmente um tipo, foi igual ao autor, se não maior. O facto do trabalho de Leopoldo Frois ter sido feito, sobre uma figura de sua terra, não o deminui. Facil? A arte só é facil para os medicos. Uma alma não é um *compère*, nem uma casaca. Não é um galan nem uma escamoteação verbal. E' o que é—tudo, quando se interpreta, nada quando se representa.

ARTUR PORTELA

AMELIA REY COLAÇO



O DOMINGO ILUSTRADO envia á gloriosa artista que acaba de partir para uma «tournée» ás ilhas com a sua bela companhia os melhores votos de felicidade e gloria absolutamente merecidas para o seu esplendido conjunto dramático.

cá por dentro

A FESTA DE ILDA STICHINI NO POLITEAMA SERÁ COM A ESTREIA DE DOIS AUTORES: ROMAIN ROLLAND E COELHO DE CARVALHO

Realisa-se no fim do mês em despedida da companhia, no Politeama, a festa da grande actriz Ilda Stichini com a primeira representação da peça de Romain Rolland, «Aert», e com o ultimo acto do Gran-Doutor (Fausto) de Coelho de Carvalho. Ilda Stichini fará a tradução da peça franceza, a ensenação, e será a primeira interprete, fazendo um «travesti».

O espectáculo terá montagem moderna de Leitão de Barros. Por estes atrativos e pelo prestigio da gloriosa artista que é Stichini, decerto a noite de 29 de Abril ficará memoravel no Politeama.

RAUL DE CARVALHO

Realisa-se no Politeama brevemente a recita de Raul de Carvalho, com a estreia de Bernard Schaw «L'homme do destino» e com a «Martine». Explendido espectáculo, absolutamente notavel, será esta uma noite cheia de boa arte e que encherá o Teatro Politeama na festa do primeiro galã da sua companhia.

Nacional

A primeira scena dramatica portuguesa, á frente da qual está Alves da Cunha — grande actor, e primeiro da sua geração. Adelia Abranches, a comediante cujo nome dispensa elogios, e Berta de Bivar, artista cultissima e moderna, acompanham-no com Sacramento e Araújo Pereira, mestre ensaiador. O mais forte repertorio moderno. Actualmente «A morte civil».

S. Luiz

A unica grande companhia de opereta portuguesa, sob a direcção do nosso primeiro «metteur-en-scène» do teatro musicado, Armando de Vasconcelos. Grandes elementos como Auxenda de Oliveira, Vasco Santana, Aldina de Sousa e baritonos brasileiro Silvio Vieira, que tanto exito já alcançou. A maior sala de espectaculos de Portugal. «Paganini», soberba montagem.

Politeama Trindade

A mais bela sala de espectaculos de arte moderna. Uma companhia esplendida com os nomes de Ilda Stichini e Alexandre de Azevedo e Raul de Carvalho, no primeiro plano. Espectaculos da melhor arte. Repertorio escolhido e preferido pela publico. Empresa do arrojado e activo empresario Luiz Pereira. Actualmente: «Lourdes».

Avenida

A mais linda sala de espectaculos de Lisboa, com a companhia mais completa que possuímos. A grande Lucilla, com Erica, Almada, Amelia Pereira e um formidavel grupo dramático que está á altura do mais difficil repertorio internacional. As noites mais artisticas da capital e os espectaculos mais emocionantes de Lisboa. Actualmente: «Quebrant».

Gimnasio

Companhia Satarela-Amarante. A companhia mais simpatica ao publico. Alem de Amarante — o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satarela, uma notavel actriz que reúne o encanto duma mocidade fresca ao «sic» parisiense de sua estile. Hoje e por enquanto todas as noites «O Bom Ladrão».

Eden

Fechado temporariamente. O teatro das fantasias e revistas populares. O teatro mais barato de Lisboa. Boa musica. Lindas mulheres. Os melhores comicos. Os espectaculos do Povo-felizes de arte portuguesa e de sentimento nacional. Direcção de José Climaco. Brevemente: «O Rei dos judeus».

Variedades

Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, dois grandes nomes na arte dramatica; um formidavel repertorio de comedia, farças e dramas. Exitos, «tournées» triumphais a astartem o grande merito neste conjunto. Teatro elegante do Parque Mayer. Actualmente «O Senhor Roubado».

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

A escolha da rainha da beleza tem apaixonado muita gente. O Calado não fala noutra coisa. Tudo quanto sejam inovações, concursos, novidades, escandalos, descobertas, o entusiasma e o excitam.

Porque o Calado, o meu amigo Inocencio Calado, possuidor, como sabem, duma fértil imaginação, perante qualquer acontecimento sensacional, perde a cabeça e dá largas á sua prodigiosa fantasia.

Ontem disse-me ao voltar da Repartição:

—Que pena, meu amigo, que pena não terem tornado extensivo este concurso, sem quaisquer restrições, a todas as senhoras de qualquer idade e qualquer estado.

—Mas creio que em todos os Estados elas podem concorrer.

—Perdão, não podem por exemplo concorrer no estado de casadas e noutros estados tão interessantes como este. Porque então, sim. Sei eu quem ganharia este concurso.

—Sim?

—E' o que lhe digo. Se as senhoras casadas também pudessem concorrer, garanto-lhe que a escolhida, a preferida, a eleita seria Miss Calado...

—Quem?

—Sim, minha mulher, Miss Calado. Não tenho a honra de conhecer, lady Calado.

—Pois não imagina. E' um verdadeiro tipo de beleza...

—Um tipo?...

—Ou uma típa se quiser...

—Que ideia!!...

—Sim uma verdadeira típa de beleza, ou melhor uma beleza típica, perfeita, a minha Candida...

—D. Candida é a sua esposa?

—Sim, D. Candida da Purificação Calado. E' o seu nome todo. A Purificação é da mãe. Do pai não usa nada. Era um sujeito muito modesto, que nunca gostou que divulgassem o seu nome.

—Talvez questão de principios...

—Não; porque o nome dele só devia vir no fim. Mas não imagina como é bela a D. Candida. Tipo magestoso, soberano; bem lançada...

—Destes tipos de rainha, bem marcados...

—De rainha dos mercados ou mesmo mais. E então nos seus tempos...

—Nos meus?...

—Não senhor, nos dela, era modelar, uma verdadeira estatua, um assombro...

—Acredito. De resto não havia outra coisa a esperar do seu bom gosto.

—Sim, eu tive dedo. Sempre assim fui. Sempre tive muito gosto. E fui sempre exigente. Desde muito pequeno. Cheguei a recusar umas trez ou quatro amas. Por fim, como não havia forma de me contentar, deram-me leite de vaca...

—Ficou a chuchar no dedo...

—Fiquei a chuchar num biberon. Sempre assim fui pela vida fóra. Ou tinha uma coisa que satisfizesse completamente a minha sensibilidade artistica ou então nada. Já pode ajuizar portanto como será a D. Candida. Mas

espere, não me lembrava que o trazia comigo. Ora veja este retrato...

—Parece-me que estou a conhecer...

—Sim?

—E' o... coiso... o D. Afonso... o Infante.

—Não, que ideia! E' minha mulher, Madame Calado...

—Tem razão, não tinha reparado no bigode á americana...

—O buço diz bem. Dá-lhe imensa



Ontem disse-me ao voltar da repartição:

graça, não acha? Eu gosto imenso das mulheres com buço; sempre gostei. E este sinalinho aqui na face; ora repare, todo retorcido? São apenas 5 pelinhos, mas dão-lhe um não sei quê, um charme especial. O meu amigo não aprecia estes sinais?

—Francamente não aprecio muito, fazem-me cocegas...

—Pois é precisamente nesse pormenor que reside afinal o seu encanto. O meu amigo não tem nenhum sinal?

—Tenho no tábalião, o meu sinal aberto...

—Não falo desses...

—Doutros não uso.

—Pois foi uma pena minha mulher não concorrer. Era positivamente a sorte grande que me entrava em casa.

—E a popularidade...

—E a população inteira para ver a sua beleza. Que triunfo seria, meu amigo. E depois prendas, teatros, joias, vestidos, chapéus...

—Uma viagem de barco...

—De barco e de bórla até á America.

—E pensar que sua esposa podia ser depois eleita rainha da beleza de todo o mundo...

—E' verdade. Pensar que eu podia

vir a ser rei, por afinidade. Eu rei! Eu Calado! Faz pena.

—Não deixa por isso de ser um Calado de primeira; um excelente Calado. Já é uma consolação.

—Pois sim, mas para quem tenha aspirações, bem vê, não é bastante. E deixe-me dizer-lhe que muitas outras belezas ficaram ignoradas. Olhe, conheço uma pequena empregada na Mundial, que é uma beleza perfeita...

—Uma verdadeira beleza mundial, nesse caso

—E muitas outras, não imagina. Isto foi mal organizado.

—Mas porque não forneceu o Calado uma das suas excelentes, das suas originalissimas ideias, na organização deste concurso?

—E creia que os resultados seriam bem diferentes. Em primeiro lugar eu acho que todas as senhoras deviam ser obrigadas a concorrer. Porque assim ha muitas que não concorrem pelo receio do ridiculo ou por não gostarem de exhibir-se.

—Ou talvez pelo receio de ficarem preteridas.

—Sim, elas não gostam de perder seja o que fór. A não ser a cabeça que perdem facilmente. Mas por isso mesmo a apresentação ao concurso devia ser obrigatória; por decreto. Exactamente como no recrutamento militar.

Assim como os homens são obrigados a contribuir para a defesa da sua patria, elas deviam ser tambem obrigadas a contribuir, com os elementos de que



—E' verdade. Pensar eu que podia vir a ser rei, por afinidade.

mente como no recrutamento militar. Assim como os homens são obrigados a contribuir para a defesa da sua patria, elas deviam ser tambem obrigadas a contribuir, com os elementos de que

dispõem, para o bom nome do seu país. Assim ambos os sexos dariam o corpo ao manifesto. Eles expõem o corpo ás balas do inimigo, elas aos votos do júri. Porque está em jogo a fama de beleza das nossas mulheres, a tradicional beleza da raça. E lá fóra não sabem se a escolha foi feita cuidadosamente, como era necessario.

—Nesse caso, na sua opinião, o recenseamento de todas as formosuras nacionais.

—E juntas de inspecção como na tropa. Mas inspecção cuidada, rigorosa...

—Os logares da junta seriam decerto disputados a sôco.

—E depois entendo que deviam organizar concursos preparatorios em cada classe, em cada terra, em cada região de todo o país, não só continental, como insular e ultramarino. Depois selecções eliminatorias até ficar uma por cada cidade, vila ou aldeia, depois por cada distrito, depois por cada provincia, etc, até ao apuramento final.

—Mas, ó Calado, por esse processo e com essa demora quando se chegasse ao apuramento final já a escolhida teria cabelos brancos.

—Qual historia, isto era rapido.

—Duvido. Com tantas comissões e apuramentos, parece-me que Você no fim não chegava a apurar coisa nenhuma e acabava por se vêr em apuros.

—Isso é o que lhe parece. E depois deixe-me dizer-lhe, permita-me que lhe diga...

—Ora essa, faz favor...

—Não concordo com a escolha que fizeram. Eu ainda não a vi, apesar de ter procurado ir a todos os teatros onde ela vai e de ter perdido uma semana inteirinha, na rua onde ela móra, entre os milhares de pessoas que permanentemente cercam a sua casa.

—Então é só vontade de dizer mal. Se não a viu!

—Mas pelas fotografias publicadas parece-me franzina; um destes tipos de beleza moderna, sem grandes formas, esguia, leve...

—Mas então o que desejava o meu amigo?

—Entendo que para representar o país devia escolher-se uma beleza tradicional, bem lançada, suculenta, de boas formas. Olhe, há por exemplo na minha rua uma pequena que estava mesmo na medida, segundo a minha opinião. Rapariga morena, forte, pesada. E' o que de resto se deve apreciar na America, onde tudo é tambem forte, monumental. Não imagina, que mulher! São seguramente os seus 85 quilos bem pesados, bem torneados...

—Mas ó Calado amigo, isso seria afinal a miss baleia!

—Não me diga isso. Aquilo sim. E depois desempenada, alta, como eles, como os americanos, como tudo afinal na America, onde tudo é grande e alto, começando pelos predios monumentais...

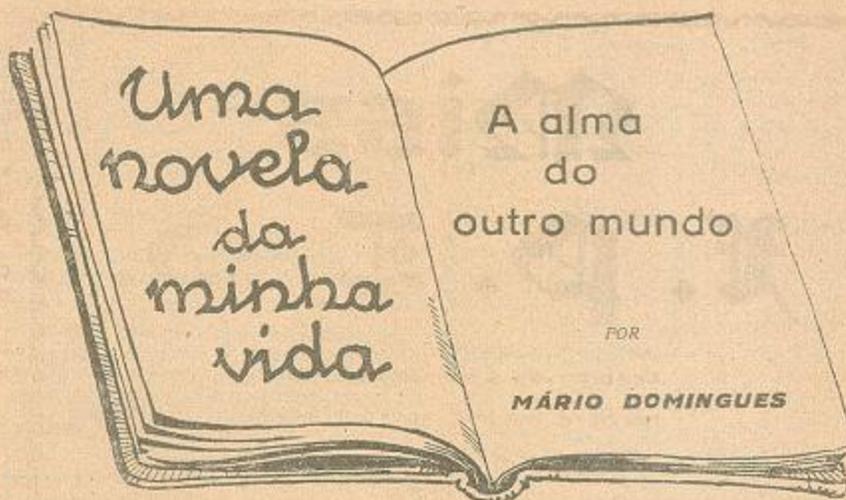
—Arranha ceus...

—Não, ela tem as unhas cortadas; bem tratadas.

—Mas escute, ó Inocencio. Transija por momentos. Admitindo o processo adoptado como bom, qual das 3 ultimas concorrentes teria Você escolhi-

UMA NOVELA SENTIMENTAL
COMPLETA

Meu prezado Amigo:



PREGUNTOU-ME você, uma vez, se eu teria uma «novela da minha vida» para publicar no *Domingo Ilustrado*. Confessei que não, que não tinha. Eu sou dos raros escritores e jornalistas que não têm episódios extraordinários, nem aventuras rocambolescas, nem conquistas amorosas, nem paixões fatais para contar em letra de fôrma. Em regra, os meus felizes colegas que, á mesa do Café, relatam os seus feitos, como os generais após a carnificina, não passam de pessoas imaginosas que cultivam a mentira com o meticuloso cuidado do jardineiro as roseiras e os craveiros. Raros, creio eu, são os homens de letras que podem vangloriar-se de reproduzir a verdade. A sua vida íntima não fornece materia para um capítulo pobre e insípido. Como eles, tenho de recorrer quasi sempre á mentira para satisfazer a curiosidade dos leitores sobre as minhas intimidades. . . Os capítulos da minha vida particular guardo-os, bem fechados á chave, nas quatro paredes do meu cérebro; e quando pessoas, como você, que é da profissão, me pedem uma novela verídica da minha existencia sem brilho nem interesse, respondo descarada e francamente que não a possuo.

Geralmente, o que na vida real se passa não tem o aspecto propriamente dito de novela sensacional. Não passa de um ou outro episódio banal, sem entrecho, sem romance, sem péis nem cabeça. A novela não é a verdade—é a mentira, é a fantasia. Se, no entanto, a verdade lhe convem, mesmo insípida, despida de atractivos, proponho-me, para corresponder quanto possível ao seu convite, contar-lhe um desses episódios da minha vida que nem de longe merece o epíteto de novela. Se você entender que os seus leitores se sentirão interessados pelo que vou descoloridamente narrar-lhe, publique estas paginas no seu *Domingo Ilustrado*, pelo que lhe ficarei particularmente grato.

Permita-me agora uma pergunta: —Você acredita em almas do outro mundo?

—Nem eu. Mas quasi me vi forçado a acreditar. Uma vez. . . Espere, não era por aqui que eu devia começar. . . A alma do outro mundo vem noutra altura da

do. Sim, suponha que lhe apresentavam por exemplo a Miss L. C. B. T., 18 anos loiros, olhos azues, etc., etc.; a Miss M. N. B. F. 20 anos, cabelos pretos, olhos pretos, idem, etc., etc. e a Miss J. J. P. C. também 20 anos, tambem idem, etc., etc. Qual preferia?

—Olhe, meu amigo, cá na minha opinião só aquella que descrevi era digna de representar a mulher portuguesa; e por isso se me consultassem eu dizia-lhes muito francamente: Meus caros amigos, não me venham cá com a Miss L. C. B. T. e a Miss M. N. B. F. e a Miss J. J. P. C.; eu quero é a Miss X. P. T. O. e tenho dito.

AUGUSTO CUNHA

narração. Há tempos, decidi, por necessidades jornalísticas, ir a Evora. Era uma viagem urgente e, por isso, de afogadilho, aproveitando uns escassos minutos antes da partida, comprei no Terreiro do Paço um bilhete para Evora. Era noute, não direi cerrada, como cantava o poeta, mas escura e hibernosa. No Barreiro tomei o comboio,



No fim da refeição Bia veio tambem juntar-se á conversa...

meu velho amigo de viagens para o sul, instalei-me a um canto mal iluminado e deixei-me levar, linha fora, através da escuridão, embalado pelo ruído monótono da marcha.

No Pinhal Novo entraram mais viajantes para o compartimento onde eu me conservava feliz na minha solidão. Não consegui disfarçar um gesto de mau humor. Os passageiros acomodaram-se e eu fechei os olhos fingindo dormir para evitar conversas. Mas. . . um dos viandantes era meu velho amigo que á primeira vista não reconhecera.

—Olha o Mario!

—Oh! Ventura!

Apaziguadas as primeiras expansões, entrámos a cavaquear.

—Onde vais?

—Para Vendas Novas. E tu?

—Para Evora.

—Homem—disse-me o Ventura admirado—então vais para Evora neste comboio?

Eu ia enganado. Explicou-me que naquele dia, ou melhor naquela noute, não havia ligação de Casa Branca para Evora. Estava, pois, condenado a pernoitar em Casa Branca ao frio, á chuva, porque naquele importante centro ferroviario não havia um hotel ou estalagem decente. Senti-me embaraçado. Foi o Ventura que venturosamente me tirou de apertos.

—Você pode ficar em xxx (não digo o nome da terra para não comprometer os herois da novela, que vivem ainda e estão felizmente bons de saúde), onde há um hotel decente e barato.

Agradei, conversei por algum tempo e apei-me, por fim, na povoação indicada, onde facilmente encontrei o hotel.

Fui atendido por uma rapariga gentil, morena, olhos negros e tentadores, a quem disse que vinha recomendado pelo sr. Ventura. Este nome era, ao que parece, muito considerado lá em casa, porque, ao escutá-lo, a rapariga mostrou-se de uma solicitude inextinguível, fez-me trepar uma escada mal iluminada, introduziu-me numa saleta modesta, despojou-me dos abafos húmidos da chuva e gritou lá para dentro:

—Minha mãe, está aqui um senhor que vem da parte do sr. Ventura!

A mamã não se fez esperar. Era uma quarentona viuva e magra, embucada num lenço negro, muito alentejana no dizer e no trato franco e simpático.

Enquanto a filha, a Bia, me preparava uma refeição quente que fui obrigado a comer sem vontade, D. Ana, depois de me perguntar pela saúde e pelos negócios do sr. Ventura, contou-me a sua vida, desde a sua remota infancia na cidade de Beja, ao casamento com um rapaz trabalhador e amavel que veio estabelecer-se em xxx, com o



Levantei-me do leito e com voz mais firme, gritei:

hotel que lhe: legara havia quatro anos. A Bia (diminutivo alentejano de Maria)

estava uma senhora, vinte anos completos, muito amiga da mãe, que não queria abandonar, embora bons casamentos se lhe tivessem apresentado.

No fim da refeição Bia veio tambem juntar-se á conversa, costurando e mostrando uns belos dentes espreitando entre os seus labios vermelhos e apetitosos. Alguns minutos depois entrou um novo personagem, rapaz novo, caixeiro viajante e hospede habitual de D. Ana, que lhe devotava sincera estima.

Conversou-se muito e o sr. Antonio, caixeiro viajante, depois de fazer timidos elogios á «minha obra», recolheu-se a um pezado silencio, todo concentrado no saboreio da aguardente de Evora que ambos, aos golos reconfortantes, iamos observando para manter o corpo em suportavel temperatura. Eu, D. Ana e Bia tagarelámos bastante ácerca de tudo, desde as revoluções em Lisboa ás modas em Paris, que interessavam particularmente a rapariga, toda garrida nas suas rendas e laçarettes. Ao cabo de algumas horas havia entre nós uma intimidade familiar, da qual apenas se afastava, por concentrado e tímido, o sr. António, que era no que respeitava a tagarelice a antítese perfeita de todos os caixeiros viajantes que eu conheço.

Pelas onze da noite, o sono bateunos á porta e concordámos em recolher ao leito. Houve então um momento de atrapalhação, cujas causas não consegui descobrir prontamente. D. Ana explicou-se então. E' que não havia quarto para mim. Estava tudo ocupado. . . Isto é, havia um quarto mas esse era incomodo, por dois motivos: primeiro, porque tinha só uma entrada pelo quarto do sr. Antonio, visto que a outra porta estava trancada porque dava acesso á alcova da menina Bia. Eu não me importava de entrar e sair pelo quarto do sr. Antonio—porquanto não era decente passar pelo da menina Bia. Mas surgiu o outro motivo. Houve um lampejo de terror nos olhos de D. Ana. Baixando a voz, murmurou:

—Aparecem lá almas do outro mundo. . .

Soltei uma farta gargalhada. Não sou, como você sabe, um valentão, mas as unicas almas de que tenho medo são as deste mundo. Por isso, após uma batalha renhida, em que a Bia me pediu, com as lagrimas espreitando nos seus olhos lindos que não dormisse no quarto fatal, venci—e, através do quarto do sr. Antonio, penetrei num compartimento confortavel, espaçoso, onde um bom leito de alvos lençoes e colchões macios me convidava ao sossêgo reparador de um profundo sono e ás delicias incomparaveis dos mais belos sonhos.

Despi-me tranquilamente e enfiei-me na cama, disposto a descansar. Apaguei a luz e fechei os olhos.

Meu caro amigo, a alma humana é

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 9

Ourivesaria do Pavão
RUA DA PALMA, 6 A 12
LISBOA

JOIAS, OURO, PRATAS, RELOGIOS

VARIA

MOINHO DE PACIENCIA

CASAL
PALAVRAS CRUZADAS
Passatempo da moda

Secção dirigida por ORDIGUES

Nota importante.—Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA DE PEDRO DIAS, 15, 4.º-ESQ. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

SPARTANUS, EDIPO IGNOTO, N.º 2, RENANDOF.

DECIFRAÇÕES DO N.º 114

HORIZONTAIS.—1 catana, arquipirata. 2 anaco, toada, ilapso. 3 t, ro, ir, n. 4 e, poder, error, obrai. 5 c, ecnoc, irado, polo. 6 u, riu, san, i. 7 m, paiol, paul, olas. 8 e, aparo, abroc, cino. 9 n, fados, itaso, toca. 10 oasses, atire, vasa.

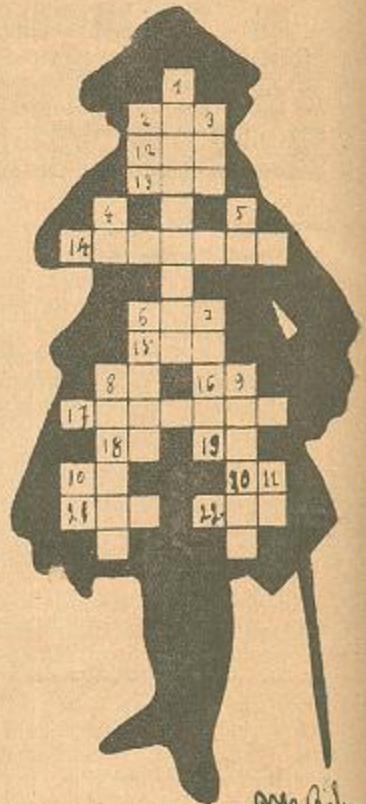
VERTICAIS.—1 catecumenos. 2 an, a. 3 ta, pé, país. 4 ac, oc, apas. 5 no, duriade. 6 a, reoforos. 7 torculos. 8 ao, a. 9 ra, ei, pait. 10 qd, rr, alti. 11 ua, rasurar. 12 i, iodalose. 13 pirronico. 14 il, v. 15 ra, op, octa. 16 ap, ro, lios. 17 ts, aliança. 18 aonio, soa.

PROBLEMA D'HOJE

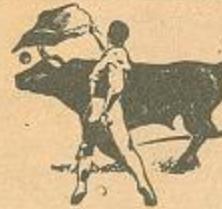
Original do nosso distinto colaborador «M. Relvas».

HORIZONTAIS.—2 nome de mulher. 6 ama (subs.). 8 andar. 10 nota de musica. 12 oceano. 13 pena. 14 terra portuguesa. 15 magua. 16 ruim. 17 mulher de Coimbra. 18 arriera. 19 galhoia. 20 nota de musica. 21 nome de mulher. 22 casa.

VERTICAIS.—1 nome de homem. 2 creada. 3 pedra. 4 fluido. 5 apelido. 6 nome de mulher. 7 suscitar. 8 iguala. 9 bruto. 10 ali. 11 caminhar.



otto richard



Barreira de 1ª Sombra
(crónicas tauromáquicas)

... a excepção de duas ou tres barreiras, as empresas têm fornecido aos criticos diversos logares de bancada geral, sem base para estes poderem fazer anotações, onde o paciente—cu sou um destes—tolhido de movimentos, tem que substituir o relato minucioso da corrida por uma critica feita ... sobre o joelho.

Do livro "TOUROS", pag. 142

CAMPO PEQUENO

A tourada inicial—extraordinaria—da presente epoca, realisada no dia 3 e organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, a favor das victimas da revolução, não deixou más impressões, tanto pela concorrencia, que foi numerosa, quanto pela valentia e animada vontade dos lidadores, todos amadores distintos, que se defrontaram com os sete touros de boa apresentação e regular bravura, pertença dos lavradores srs. Norberio Pedroso e Terré e Irmão, tendo faltado um touro do sr. João Coimbra, que fugira na condução pa a praça. O toureiro a cavallo, executado por D. Alexandre e D. João Mascarenhas, satisfaz, tendo sido ambos muito ovacionados. Na lide pedestre, em q uelodos os destemi-

dos bandarilheiros colocaram ferragem aplaudida, sobressaíram os srs. D. Carlos Mascarenhas, D. Pedro Bragança e Rafael Gonçalves. O valente grupo de forçados amadores, de Santarem, portou-se com bastante coragem em todos os touros, quer «de cara», quer «de cernelha», tendo sido de muito valor a rijissima pega do campino, tambem amador, sr. Manoel Barreiros.

A direcção da corrida, a cargo do sr. Conde da Torre, muito acertada.

Sobressaíram na coadjuvação da lide os profissionais Agostinho Coelho, Plas Flores e José da Costa.

Foram oferecidas a todos os lidadores ricas «moñas» e palmas de flores artificiais.

Assistiu á corrida, até final, o sr. general Carmona, bem como a sr.ª D. Margarida Bastos Ferreira, a primeira classificada de entre as concorrentes portuguesas ao concurso mundial da mulher mais formosa.

ZÉPEDRO

PULVERISADORES

Torpidas e seus pertences, Pulverisadores BILA para tratamento dos cacaveiros, Artigos de metais, Louça de esmalte, etc.—Pedidos a

J. S. MOUTELA
Rua da Palma, 284-A—LISBOA

N.º 7
4.ª SERIE

SECÇÃO CHARADISTICA
SOB A DIRECÇÃO DE
CARLOS RODRIGUES
ORDIGUES (da T. E.)

10
ABRIL
1927

Apuramento do n.º 2 (4.ª SERIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

BAGULHO
N.º 1 14 Votos
N.º 4, de DITE 1 voto
N.º 5, de AULEDO 1

QUADRO DE HONRA

AFRICANO, D. GALENO, DROPÊ, LILI, D. VASCO, LHALHA, ORLANDO-O-PALADINO, REI FERA (todos da T. E.); DITE, MAMEGO, HOPE.
Com 17 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

EURISTO (12), ORDIGUES (11), BIXO KNHOTO, CAMARÃO, LORD DÁ NOZES (10).

OUTROS DECIFRADORES

FOFORONOFF, RENANDOF (7), DOIS PRINCIPIAN TES (5), BAQUILHO (1).

DECIFRAÇÕES

1—MORTORIO, 2—Aposto, 3 Lampaso, 4—Nufado, 5—Singalar, 6—Algarve, 7—Palamallar, 8—Embebedo, 9—Zurzida, 10—Bom-tom, 11—Botelhas, 12—Hipocondriaco, 13—Estofa, 14—Empapado, 15—Abafá, 16—Topetemos, 17—Malparado.

PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA

N.º 11, de GABI com 11 decifradores.

DEDICATORIAS

BAQUILHO, MAMEGO e ORDIGUES, decifram o que lhes era dedicado.

LOGOGRIFOS

1 Via num baile, alegre entre a assistencia sorrindo docemente a cada instante; Tinha no seu olhar a incandescencia Duma fogueira acesa e crepitante.

O seu rosto mostrava uma epurancia—3—0—1—6 De quem vive feliz e radiante. Mas «culta» naquela teatralencia—3—6—5—6 Vivia a dor voraz e sufocante.

Seu corpo esbelto agita-se dançando—1—2—5—6 Para esquecer a grande saudade Que lentamente a ia devorando.

E na sua epiderme delicada—1—4—5—4 Um beijo eu fui depor, com ancliedade Como se virgem fosse idolatrada.

Lisboa CAMARAO (G. E. L.)

2 Será uma estaca—4—5—1—8 Que no fundo brilha?—6—5—2 Mas em «colha» seaca—7—6—3—6—2 E uma armadilha.—7—4—1—2

Era pela certa Bem grande traição! Está descoberta, Não tem discussão.

Porto OTROPVLIS

CHARADAS EM VERSO

(Resposta ao confrade Visconde X agradecendo a sua Hipo).

3 Resam as lendas de outrora Que a filha do Oceano—2

Tinha os sorrisos da Aurora E um coração desumano.

E a fama foi sem demora—2 Alastrando o peito humano Té que em menos duma hora Já sabia o soberano.

Indignado e raivoso Num acesso de nervoso Blasfema como um vilão.

Porém, fica de repente Parado, vendo-se em frente Da mãe de Amphitrão!

Difunde D. SIMPATIC (T. E.)

(Ao Visconde da Relva).

Tenho sorte, sim senhor,—2 Quando faço pé de alferes—2 A qualquer dama bonita. Acho até mesmo um amor, Ouvir ás lindas mulheres Chamar-me velho catita.

Lisboa RAZALAS

CHARADA EM FRASE

(Picando a modestia do Visconde da Relva).

5 O sr. «Visconde» até se torna corado de vaidade quando lê um «moinho» onde as dedicatórias pró, temham afilado com excessu.—3—1

Lisboa BIXO KNHOTO

IA' talentosa confreira Mamego agradecendo reconhecido o seu Terço).

6 Se é certo que V. Ex.ª dá sentido contrário á sua creença sem pena de ver mortificado o seu coração, creio que é a unica responsavel de ter tornado obscuro o seu viver.—4—1

Lisboa REI FERA (T. E.)

(Ao primoroso Rei Fera).

7 Então v. dá a saber que trabalha com catorze «vários...» onde calabôra, seu atrevido.—3—1

Lisboa VISCONDE DA RELVA

(Ao preclaro Visconde da Relva).

8 V. Ex.ª, com a sua moral, faz entrar de novo no caminho do decoreo o charadismo, de onde este se havia afastado, e assim ele dever-lhe-á, o ter encontrado de novo o caminho perdido.—4—1

Lisboa DITE

(Ao charadista Vtelato Simões).

9 Tenha vergonha, não seja um homem tão flavelo.—3—1

Lisboa AFRICANO

(Ao Hote).

10 Para melhor dizer sou de opinião que não deve ter suspeitas de mim não sabendo quem eu sou.—2—2

Lisboa DR. GRYFFO

(Aos comerciantes)

11 O meu fornecedor fez-me um preço baixo, não só por eu ter comprado uma grande quantidade de mercadoria, mas tambem devido á minha perspicacia.—11

Porto RENANDOF.

12 E' uma injustiça dizer-se que todo o homem perde a lula, quando entregue á bebedeira.—2—2

Lisboa D. GALENO (T. E.)

13 Trabalha com excessivo paro e boas manstras, se queres ter que comer.—2—1

Lisboa DROPÊ

14 Para um homem ser completo, deve em talia mostrar correção.—1—2

Lisboa UTS

15 Não há direito de as charadas não virem sempre facéis; pois não?—1—1

Lisboa JAMENOAL

16 O moyo anda «perdido» pela rapariga.—2—1

Lisboa CASTROLIVA

17 O toureiro chega á arena, defronta o «animal», e domina-o com uma brilhante sorte de bandarilhas.—2—3

Lisboa DOIS PRINCIPIANTES

VARIA

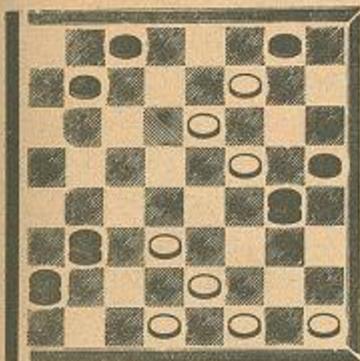
A alma do outro mundo

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 7

DAMAS

PROBLEMA N.º 116

Pretas 3 D 4 p.



Branças 8.p.

As Brancas jogam e ganham.

Solução do problema n.º 115

	Branças	Pretas
1	12-16	20-11
2	2-6	31-20
3	4-8	11-4 D
4	3-7	20-9
5	1-5	4-18
6	5-14-23-30-21-7	32-27
7	13-17	18-14
8	10-6	

Ganha

Resolveram o problema n.º 114 os srs.: Alvaro dos Santos, Armando Machado (Ilhavo), Carlos Gomes (Benfices), José Branco (Infantas), Mario Domingos Pereira, «Neulama» (Figueira da Foz), Paiz (Arcos de Valdevez), Victor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo nosso bem conhecido «Neulama».

Toda a correspondência relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do Jogo de Damas. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

o paradoxo e a incoerência. Julga você que, apesar da minha descrença em aparições sobrenaturais, pude conciliar o sono? Engana-se. Não preguei olho. Ouvi as doze badaladas fatídicas das grandes scenas de romance, ouvi a uma da madrugada—e a noite interminável parecia-me um pavoroso inferno povoado de aparições diabólicas. Tive vergonha de mim mesmo. Insultei-me, tremendo de receio e, se não fosse, por uns restos de pudor que boiavam ainda na minha alma desolada como despojos de naufrágio sôbre o mar agitado, ter-me-hia levantado, acordado o sr. António, e procurado um sono tranquilo num sofá desconjuntado da saleta de visitas.

Quando, cansado de esperar a chegada da alma penada, começava a sentir um pouco de paz interior, um ruído imperceptível de sobrado que estala ao pezo de passos cautelosos eriçou-me os cabelos. Andava alguém no quarto. Escondi, como as crianças receosas, a cabeça sob as roupas. Estive assim um momento. Depois revoltei-me contra mim próprio. Que figura ridícula estava fazendo! Espreitei a médio. Nada vi de anormal. Mas fitando o fundo negro do quarto percei-me ver um vulto branco agitando-se, e uns olhos enormes, vesgos, luminosos, cravados nos meus olhos. Quiz gritar e a voz ficou-me preza na garganta, asfixiando-me; quiz mover os braços e força desconhecida pregavamos á cama.

Numa reacção suprema sobre mim, sentei-me no leito, enxarcado em suores frios, e perguntei:

—Quem és? Que pretendes?

Respondeu-me o éco da minha voz —e a minha voz, que não parecia minha, encheu-me de terror. A sombra branca agitou-se, lá ao fundo, ao longo

da parede. Cobrei então ânimo. Levantei-me do leito e com voz mais firme, trovejante, capaz de ser ouvida em toda a casa, gritei:

—Ou respondes ou meto-te uma bala na cabeça!

Respondeu-me o silêncio. O vulto aproximou-se mais. Raspei um fósforo, apagou-se—e senti-me agarrado pela garganta. Travou-se então uma luta feroz, titânica. O medo emprestou-me uma força extraordinária, colossal, de atleta invencível. Andavam cadeiras de rojo, a mesa de cabeceira tombou com estrondo e, por fim, um peito latejava sob o meu joelho, uma garganta palpitava nas minhas mãos nervosas.

De súbito, o quarto iluminou-se. Uma voz emocionada de mulher ecoou:

—Não o mate, sr. Mario!... Não o mate!...

Bia estava de joelhos junto de mim, divinamente bela, na sua camisa de dormir e na expressão angustiosa dos seus olhos. Debaixo do meu joelho reconheci o António, o caixeiro viajante, embrulhado num lençol rasgado.

—Que comedia vem a ser esta?— perguntei, colérico.

Houve um silêncio profundo, e depois:

—E' m eu amante—murmurou a ra pariga ocultando o rosto nas mãos...

No dia seguinte de manhã, D. Ana perguntou-me assustada se tinha visto a alma do outro mundo. Bia cravou em mim os seus olhos lindos e ansiosos.

—Vi sim, minha senhora—respondi eu—mas como a perseguisse, ela evadiu-se pela janela.

D. Ana quedou um pouco pensativa e eu despedi-me de todos, desejando a Bia muitas felicidades.

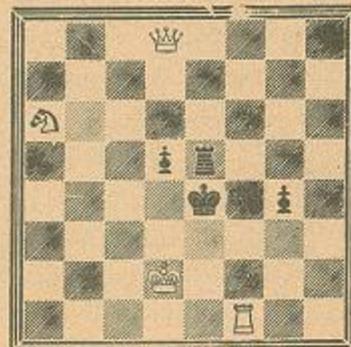
XADREZ

A correspondência sobre esta secção pode ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 117

Por G. Heathcote

Pretas (4)



Branças (4)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

Solução do problema n.º 116

(Silva)

1 D x 1-a 5

Resolveram o problema N.º 115 os srs. Nunes Cardoso e Maximo Jordão, O sr. A. P. Neves Pereira (de Quimariães) enviou a solução do problema n.º 114. No problema n.º 115 note-se que se 1 C g 5-f 7 + d, D h 1 x h 5 e não ha mate possível ao 2.º lance; fazemos tal observação porque recebemos soluções com este lance e que são, pois, incorrectas.

Aqui, tem meu caro, a novela da minha vida. Serve-lhe? Disponha do seu amigo.

MARIO DOMINGUES

Gramofones e Discos

PIANOS-MUSICA
INSTRUMENTOS E ACESSÓRIOS
OFICINA DE PIANOS
E AFINAÇÕES
CASA GOUVEIA MACHADO
RUA ALVES CORREIA, 152

SEMENTES

PARA HORTA, JARDIM E PRADOS

CHOCADÉIRAS «BUCKEYE»

CASA DAUPIAS

29, RUA DO CARMO 31—LISBOA

TELEFONE 1354 CENTRAL

Confeitaria Maritima

José Fernandes da Silva

21, RUA DO CORPO SANTO, 23

LISBOA

ESPECIALIDADE EM TODA A QUALIDADE DE ARTIGOS DE CONFETARIA. BOLACHAS E CHOCOLATES NACIONAIS E ESTRANGEIROS. LUNCHES PARA CASAMENTOS E BATISADOS.

Recebeu para as festas da PASCOA lindas cartonagens, com chocolates, e bolachas inglesas; belo sortido em artigos de vidro e biscuit ALEMÃO; bom sortido de Amendoas Francesas e Nacionais.

A casa que melhor sortido tem

Confrontem preços, por estes artigos serem recebidos directamente da origem.

Gillette
as suas barbas

Milhões de homens GILLETTE barbeiam diariamente mais cedo. Com uma GILLETTE recorta-se num momento a barba mais dura, ficando a rosto mais como um veludo.



Canetas com tinta

O que ha de melhor

CONCERTAM-SE CANETAS

DE TODAS AS MARCAS

PAPELARIA DA MODA

167, RUA DO OURO, 173

LISBOA

TELEFONE C. 641

Casa Palissy Galvani
GUILHERME F. SIMÕES, L.^{DA}

COLOCAÇÕES
E reparações de can-painhas electricas,
telefonos e pára-raios

LUZ ELECTRICA
Deposito de todos os aparelhos
da sua especialidade

Preços sem competencia—Descontos aos revendedores

13, RUA SERPA PINTO, 15 — LISBOA

Não queira ficar assim

Use a VITELINA VITERI, torne os seus cabelos fortes, abundantes, limpos e sedosos.—Frasco 8\$00.

Deposito: VICENTE RIBEIRO & C.^a
R. dos Fanqueiros, 84, 1.º

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

actualidades graficas

MOTOCICLISMO

VIDA RELIGIOSA



A partida dos motociclistas para o passeio a Braga

LISBOA MODERNISA-SE



Procissão dos Passos na Foz do Douro

AS VITIMAS DO DESPORTO



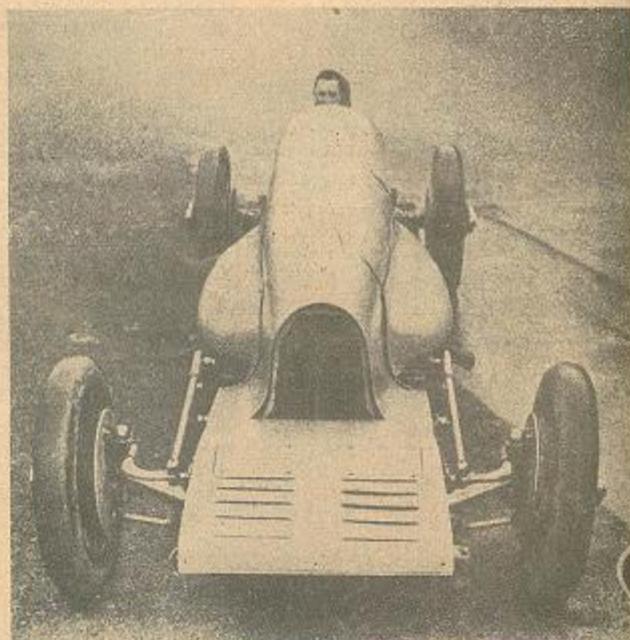
Reabertura da conhecidissima tabacaria Americana, no Chiado, onde os bons «gourmets» do tabaco encontram os melhores petiscos...

NA IGREJA DOS MARTIRES

VIDA ARTISTICA



O novel e talentoso pianista Jaime Silva (filho) que parte brevemente a representar Portugal no grande concurso de Genebra



O auto bolide em que o major Campbell bateu todos os records munciais de velocidade e em que encontrou a morte.

A ACÇÃO DA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA



Alunos do 5.º ano de direito saindo do templo, depois de ouvirem missa em acção de graças, por terminarem o curso. Entre os estudantes o Sr. Bispo de Trajanópolis.



Novos carros para limpeza, que são modelares

PUBLICIDADE

CASE O MELHOR, MAIS SOLIDO E ECONOMICO
TRACTOR DE RODAS



Ad Electro P. D. 218—Also furnished in 3 columns

As mais altas recompensas em todos os concursos em que tem entrado. CHARRUAS GRAND-DETOUR, 2, 3, 4 e 5 ferros ou discos para todas as applicações. Estes tractores podem adicionar debulhadoras respectivamente de 1m,67—1m,22—1m,37. TRACTORES E CHARRUAS PARA ENTREGA IMEDIATA. Em exposição modelos 12x20 e 18x32 HP, com as correspondentes charruas. Representante para Portugal:

DUARTE FERREIRA & FILHOS
(Engenheiros) TRAMAGAL

Filial em Lisboa: AVENIDA PRESIDENTE WILSON, 17 a 25

AUTOMOVEIS



CAMIONETES

Torpedo 5 lugares
Dollares 1.000 sem mais
despesas

6 cilindros, 4 velocidades
Diferencial duplo
A melhor para o nosso paiz

Agentes gerais no Sul: **J. J. Gonçalves, Suc.ª**
RUA RODRIGUES SAMPAIO, 90—LISBOA

Fogões Escoceses

(MODELO «SULTANA»)



ENTENAS
A FUNCIONAR
EM
PORTUGAL

TAMBEM
HA OUTROS
MODELOS
EM DEPOSITO

Agente: Herbert Cassels J.º, R. 24 de Julho, 56-Lisboa. Telef. C. 3256

FUNERAES
SIMPLES
e LUXUOSOS
SERVIÇO
PERMANENTE
MARIO
AUGUSTO
DA SILVA
MILHEIRO
131, RUA DOS ANJOS, 133
LISBOA TELEF. 1094 N.

A. CRUZ L.ª

R. DA MADALENA, 29, 2.º—LISBOA

Telefone C. 1143

Armazem de productos
quimicos e especialidades
farmaceutic s nacionais e es-
trangeiras

ARTIGOS DE BORRACHA
E UTENSILIOS PARA LABORA-
RIOS E CIRURGIA

Fornecimentos completos para
Farmacias e Hospitais

Importação directa

AUTOMOVEIS

RAVEL

E
8.ª MARAVILHA
DO
MUNDO



Agentes:

R. DA PADARIA, 47, 2.º—LISBOA

João Camilo Alves, Lim.ª

VITI-VINICULTORES

VINHOS, VINAGRE e AZEITES
PARA CONSUMO E EXPORTAÇÃO

ADEGAS E ARMAZENS EM BUCELAS

Filial em Lisboa: Rua Fernão Lopes, 5 e 7—Pedidos para o Telef. 41-N
com um serviço devidamente montado para distribuição aos domicilios. Para a provincia ex-
cutam-se todos os pedidos.—2 GRAN'S PRIX

Panamá Pacifico 1915

Rio de Janeiro 1922:23



Ondele V. Ex.ª o seu cabelo com os FRIZADORES applicaveis ao frio, para ca-
bello comprido ou curto—Resultado que se
obtem em poucos minutos. CUSTO: Cartão
amarelo com 4 gancho; para cabelo comprido
8\$00. Cartão azul com 4 gancho; para ca-
bellos curtos 8\$50. A' venda nas melhores per-
fumarias, armazens e casas do genero.

Adolfo Sirel

RUA DE S. JULIÃO, 168, 4.º

LISBOA

**Grandes Armazens
Barroca**

Movéis, estofo; decorações, pianos
e outros artigos.
Secção especial de antiq. u-
idades

31, R. da Atalaia, 35 Telef.: T. 1095

**Enxofre
Italiano**

Tipo FLORISTELLA SUPER em sacos
de 50 quilos, de algodão.
Tipo VENTILATO EXTRA em sacos
de 50 quilos, de algodão.
Vendem posto sobre vagon, e acei-
tam desde já encomendas, garantindo
a qualidade conforme amostra.

F. H. D'OLIVEIRA & C.ª L.ª

RUA 24 DE JULHO, 148
RUA DO COMERCIO, 1 A 3



Aparelhos foto-
graficos, chapas, pelliculas,
papeis
e accessorios,
dos
melhores fabri-
cantes.

Especialidade
em
trabalhos para
amadores.

Reportagens em todos os generos e em qual-
quer po to do paiz. Pessoal habilitado em re-
portagem desportiva e actualidades.

FABRICA DE MALAS, CARTEIRAS
E ARTIGOS DE VIAGEM

DE
JOAQUIM PEREIRA MONTEIRO

AVENIDA CASAL RIBEIRO, 43 e 47—LISBOA

Fabrico especial em malas, carteiras, bolsas de senhora,
pastas para escritorio, casas bancarias, companhias e de mais
artigos que digam respeito á mes-
ma industria. Concertos gerais em
todos os artigos.

Sempre novidades, execução ra-
pida, solida e perfeita

TELEFONE 5347 NORTE



LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO

ilustrado

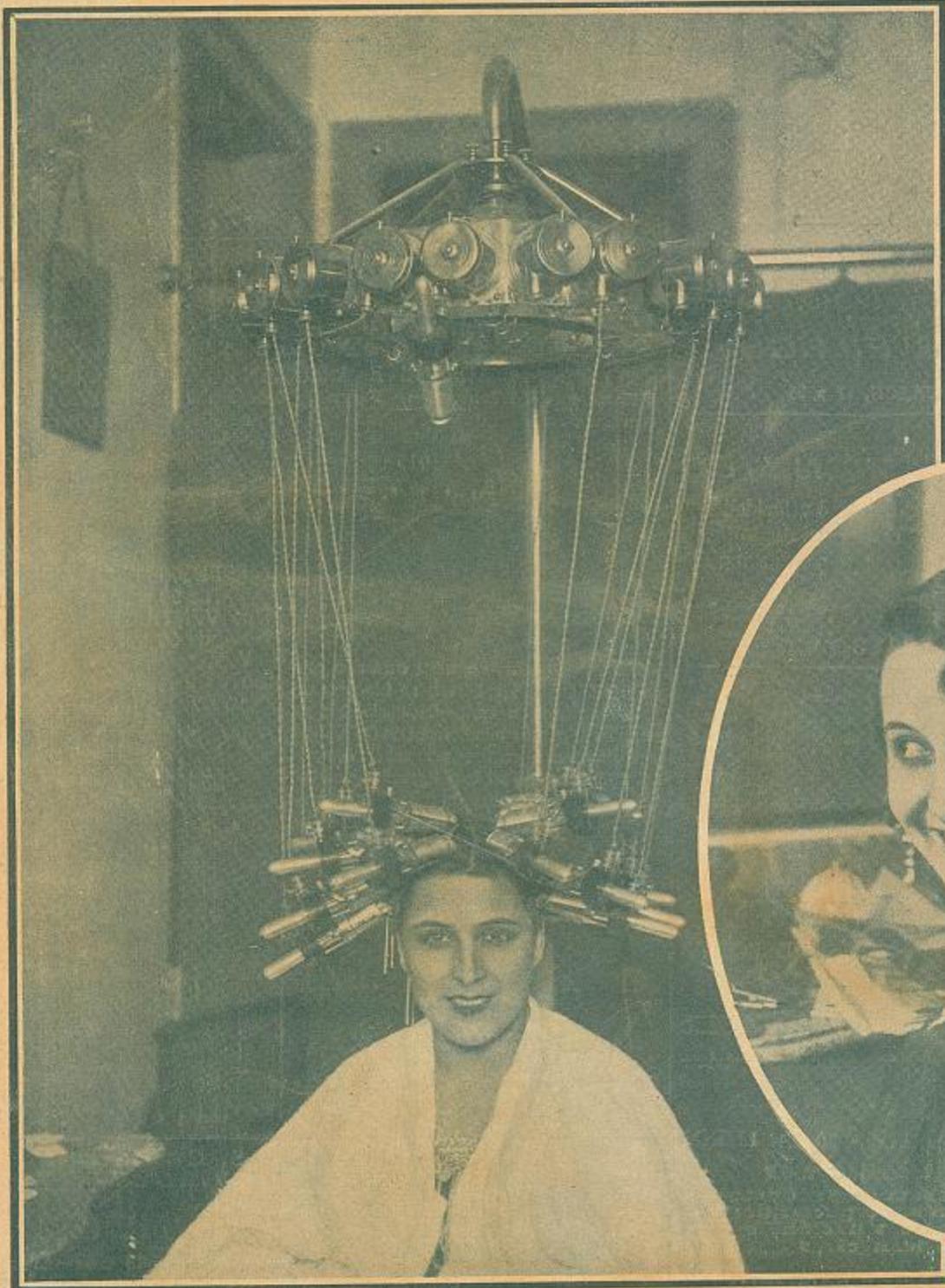
ASSINATURAS

CONTINENTE E HESPAHHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC -
TRIMESTRE - 12 ESC -

ASSINATURAS

COLONIAS
ANO 5220 - SEMESTRE, 2600
ESTRANGEIRO
ANO 64864 - SEMESTRE, 3200

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



**Nos bastidores da
toilette moderna**

**A
beleza das
grandes
"estrelas"**



A Casa Ninon, da Rua José Falcão, 29, T. 2172, acaba de ter a gloria de lançar pela primeira vez entre nós a famosa ondulação indefrizavel, pela qual uma cabeça fica deliciosamente penteada para 6 meses. A nossa gravura representa a «star» Laura Costa numa sessão da Casa Ninon

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING